

Editoração, direção e organização: Mariana Dias Pinheiro Santos e Mariana Lins Costa
Capa: Mariana Dias Pinheiro Santos
Revisão: Marcos Ribeiro Balieiro e Rodrigo Matos da Silva Gonçalves
O direito de cada texto é reservado ao seu respectivo autor.

Copyright © 2020 Todos os direitos reservados a cada autor.

ISBN: 9798635069202

REGRAS HOBBSIANAS PARA BEM LIDAR COM O DISCURSO POLÍTICO

Mariana Dias Pinheiro Santos¹¹¹

O que podemos entender que ocorre quando o método que se usa para conseguir o que se quer, mobilizar pessoas e governar um país é a mentira? Ou quando a situação se torna mais complexa e o líder é o único que, supostamente, detém toda a verdade e tudo que o contradiga é, no mínimo, uma falácia? Todos os seguidores desse tipo de líder reafirmam cada palavra enunciada por ele e estão prontos para agir como guardas leais que lutam para que essas proclamadas verdades sejam respeitadas e que toda “mentira” seja aniquilada – como que uma seita religiosa ortodoxa. Mas, ainda que de um lado tenhamos uma seita, do outro vemos que a maior parte das pessoas desacreditam ou ao menos desconfiam desse tipo de líder, e, quando a situação é esta, seja para os membros da seita, ou para os que são externos a ela, o povo já está acostumado conviver com a mentira como método de exercer o poder¹¹².

Acredito, caro leitor, que vale a pena falar brevemente sobre alguns casos concretos, além dos diversos que você pode encontrar ao longo deste livro, para ajudar a ilustrar o que quero dizer. Elenco três momentos que considero icônicos nos últimos anos: o financiamento de Leonardo DiCaprio a ONGs que corroboraria nas queimadas da Amazônia, o famigerado peixe inteligente que foge da mancha de óleo e está completamente livre de contaminação e a gripezinha vinda da China considerada como histeria da mídia, principalmente quando se tem um histórico de atleta.

Começemos pelo terceiro caso. Como você sabe, caro leitor, a pandemia do COVID-19 atingiu o Brasil há não muito tempo, e algumas das primeiras falas de nosso excelentíssimo líder defendiam o isolamento vertical e o não fechamento do comércio (já que isso destruiria a economia). Nosso líder não pode deixar de observar que “No

¹¹¹ Graduanda do curso e filosofia da UFS, atualmente é bolsista CNPq em iniciação científica na pesquisa A ficção gótica como crítica da modernidade. Dedicar-se, também, a pesquisa sobre a relação da linguagem e da mecânica na filosofia de Hobbes. É vice-presidente do Centro Acadêmico de Filosofia Livre da UFS, representante discente do conselho departamental de Filosofia da UFS e membro do grupo de pesquisa de Ética e Filosofia Política.

¹¹² A mentira foi o grande destaque do primeiro ano do governo Bolsonaro. *Uol*.

meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão”¹¹³. E não podemos esquecer que nosso líder acusou a imprensa de causar histeria na população.

O segundo caso, como você deve se lembrar, ocorreu quando um derramamento de óleo afetou grande parte do litoral brasileiro e o secretário da Aquicultura e da Pesca garantiu que, depois de inúmeros testes feitos, não encontraram “nenhum peixe contaminado, nenhuma notificação do Ministério da Saúde por conta da contaminação do óleo” introduzindo, não muito tempo depois, sua famosa frase: “O peixe é um bicho inteligente. Quando ele vê uma mancha de óleo... ele foge, ele tem medo”. Ao que o líder não perdeu tempo para completar que “Obviamente, de vez em quando fica uma tartaruga ali na mancha de óleo - para não falar que ninguém fica, né?” e em conclusão afirmou que “já tá mais que comprovado, Universidade Federal da Bahia, que o óleo é da Venezuela, talvez por isso que a esquerda começa a me atacar como se eu fosse o responsável por isso, como se tivesse agido tarde”¹¹⁴.

Quanto ao primeiro caso, o nosso excelentíssimo líder questiona: “O pessoal da ONG, o que eles fizeram? O que é mais fácil? Botar fogo no mato. Tira foto, filma, a ONG faz campanha contra o Brasil, entra em contato com o Leonardo DiCaprio, e o Leonardo DiCaprio doa 500 mil dólares para essa ONG. Uma parte foi para o pessoal que estava tocando fogo, tá certo? Leonardo DiCaprio tá colaborando aí com a queimada na Amazônia, assim não dá”¹¹⁵.

Mas o que podemos encontrar nesse resumo de falas? Autoridades são convocadas como um certo tipo de garantia de que qualquer risco de morte e destruição é nulo. Bem, e se não for, a culpa certamente não é do bondoso líder, afinal, qualquer tipo de culpa que poderíamos atribuir à falta de ação é, certamente, da oposição. Entretanto, causa estranheza quando não é necessário grande esforço para se deparar com notícias de grandes portais como o UOL, G1, BBC, Unisinos e Folha de São Paulo – só para ficar em alguns – para perceber informações diferentes das que o líder comunicou com o suposto objetivo de tranquilizar o povo, caracterizar uma oposição como violenta e, evidentemente, conseguir o que quer: amor e devoção à sua fala.

O que pretendo não é analisar cada uma das afirmações desastrosas que comentei anteriormente, quanto a isso faço de minhas palavras as do presidente, peço que o leitor tire suas próprias conclusões. Apenas escolhi alguns exemplos como ponto de partida nos quais as palavras parecem ter sido usadas de forma imprecisa e belicosa. De um lado, temos informações catastróficas a respeito de mortes e queimadas; do outro lado, autoridades convocando outras autoridades para sugerir segurança, proteção e um comportamento belicoso em relação a falas opositoras. Há, ainda, algo muito estranho entre essa batalha de informações: aqueles que fazem parte da seita devota ao líder, negam qualquer tipo de questionamento mesmo para a informação mais absurda.

A linguagem, como os exemplos que trouxe puderam evidenciar, tem a capacidade de evocar os sentimentos de repulsa ou afetividade, e serve para dar a

¹¹³ *Em pronunciamento na TV, Bolsonaro pede reabertura de comércio e escolas e fim do 'confinamento'*. O Globo.

¹¹⁴ *Peixe é um bicho inteligente, foge quando vê óleo, diz secretário da Pesca*. Estadão Conteúdo.

¹¹⁵ *Bolsonaro acusa Leonardo DiCaprio e ONG de financiarem queimadas criminosas no Brasil*. Jornal Nacional.

entender aos outros os fatos e o conhecimento que obtemos. A maneira pela qual as proposições são organizadas e passadas, bem como o estado de ânimo do receptor e do comunicador, podem ser agentes influenciadores na aceitação ou negação das afirmações. Informações falsas ou imprecisas podem influenciar más decisões, como a de comer animais marinhos intoxicados, culpar DiCaprio pelas queimadas na Amazônia ou assumir que a gripezinha que mata milhares consiste em mera histeria. Discursos belicosos fazem com que posicionamentos impensados sejam tomados, como culpar uma orientação política quando se recebe críticas.

Nesse sentido, convoco ao meu favor Hobbes, filósofo moderno que, já no século XVII, estava preocupado com os danos que o mau uso da linguagem poderia causar, e tratou de forma bastante curiosa tais problemas. Você, caro leitor, neste momento, deve estar se perguntando “ora, o que um filósofo europeu do século XVII terá a oferecer para um caso do século XXI?” Quanto a isso, peço, apenas, que tenha um pouco de paciência, não desanime e aguente firme até o final para que possa descobrir, por si só, como um filósofo distanciado por quase quatro séculos de nós pode nos munir de algumas ferramentas para lidar com problemas de nosso tempo que dizem respeito às palavras.

É, então, importante começarmos de forma elementar, lembrando que a mais nobre e útil invenção dos humanos, para Hobbes, é a linguagem. Sem ela não teríamos paz, sociedades estruturadas e até mesmo ciência. As palavras, quando bem utilizadas, conduzem a razão do indivíduo pelos caminhos que levam as mais distintas conquistas de bens para a raça humana. Os humanos tornam-se capazes de registrar o conhecimento, os pensamentos; tornam-se capazes, ainda, de construir uma boa sociabilidade por meio de mútuas conversas. Apenas através desta nobre invenção, nós¹¹⁶ podemos superar o mundo dominado pelo uso da força.

O primeiro uso dessa nobre invenção, informa Hobbes, é o de expressão das concepções humanas, ou seja, o de engendrar no outro as concepções que nós temos e isto só pode ocorrer, como deve-se imaginar, com a correta definição dos nomes. Mas o nosso filósofo, caro leitor, não para por aí; a linguagem, para ele, tem quatro usos especiais: no primeiro caso registra o conhecimento que abre as portas para a ciência, como quando pesquisadores são capazes de registrar o grau de contaminação de alimentos e quais males isto pode causar para quem decidir ingerir o famigerado peixinho inteligente. No segundo, serve para aconselhamento e ensinamento e, neste caso, podemos pensar nas recomendações que a OMS dá diariamente para a prevenção contra a gripezinha. No terceiro, para expressar o que sentimos ou queremos e, assim, obtermos ajuda, como quando você, caro leitor, tem dificuldades para saber como lidar com a angústia da quarentena ou com as falácias que cercam você diariamente. Por fim, o quarto e último uso especial funciona como que um jogo agradável e inocente, como é o caso de um trocadilho ou de uma poesia. Neste uso¹¹⁷ nós damos vazão aos nossos sentimentos em um clima familiar em que seja lícito tal jogo, como quando produzimos ou apreciamos qualquer expressão cultural. A linguagem, então, seria um ato social que visa apenas bens para a humanidade e que faz parte dela. Neste ponto, o leitor deve estar

¹¹⁶ Conferir Ribeiro, Renato Janine *A palavra democrática: ou da utopia da necessidade à utopia poética*, 1998.

¹¹⁷ Conferir Ribeiro, R. J. *O letrado e o guerreiro: ou dois ensaios sobre o âmagô terrível da linguagem*, 2002.

considerando a linguagem, e os usos que podemos fazer dela, como algo maravilhoso e livre de males. Vamos com calma, caro leitor, vamos prosseguir mais um pouco.

Nosso filósofo nos alerta para o fato de que o correto uso das palavras é guiado pela reta razão, por meio de um método que possa conduzir os pensamentos, os registros e as falas com a finalidade de ser verossímil e verdadeiro. O método que Hobbes indica não é complicado, basta que se conheça cada passo que foi dado até que uma afirmação ou negação seja composta. Por exemplo: deveríamos nos questionar, quando alguém afirma que o corona-vírus é uma gripezinha, que tipos de saltos mentais esse fulano deu para ignorar completamente a letalidade e gravidade da doença. Afinal “a verdade”, nos diz Hobbes, “consiste na adequada ordenação de nomes em nossas afirmações, um homem que procurar a verdade rigorosa deve lembrar-se que coisa substitui cada palavra de que se serve, e colocá-la de acordo com isso”¹¹⁸. Ou seja, precisamos apenas compreender e acompanhar uma demonstração por meio de nosso raciocínio ou buscar os elementos que compõem cada passo de uma afirmação para perceber, por exemplo, que a gripezinha não é apenas uma gripezinha. A este ato, Hobbes denomina calcular, e raciocinar não é mais do que fazer cálculos com as palavras somando ou subtraindo proposições.

O nosso filósofo diz que a capacidade de raciocinar é inerente a todos os homens em algum grau ou medida (boa notícia para nós!), e que “a arte do raciocínio não se aprende tão bem pelos preceitos quanto pela prática e pela leitura de livros em que as conclusões são todas alcançadas por severa demonstração”¹¹⁹. Mas não deixa de observar que é necessário conhecer, semear e praticar o método que faz com que o ato de calcular seja aperfeiçoado, e deste ponto alguns problemas começam a surgir, afinal, caro leitor, nem todo indivíduo pôde conhecer ou habituar-se com esse método.

Mesmo que as palavras sejam os calculadores dos sábios, como afirma o Hobbes, elas também constituem a moeda dos loucos que a avaliam a verdade firmando-se na autoridade de um homem. Como seria o caso se fizéssemos parte da seita que escolhe atribuir verdade a falas como “Agora, o Leonardo DiCaprio é um cara legal, não é? Dando dinheiro para tacar fogo na Amazônia”¹²⁰, sendo que não há absolutamente nada que confirme tal absurdo. Neste caso, temos inúmeros jornais, portais e o próprio DiCaprio evidenciando que o papel das ONGs é o inverso ao de promover queimadas. E, como pudemos ver desde os icônicos exemplos que selecionei para você, “Os erros de definições se multiplicam à medida que o cálculo avança e conduzem os homens a absurdos...”¹²¹

Os humanos, sendo guiados pela selvageria da mente em direção à vitória de seus próprios interesses, sejam estes políticos ou não, usam como santuário as duas filhas da guerra, a mentira e a violência, e persuadem aqueles que não tem o raciocínio bem treinado. Não é à toa que Hobbes é cirúrgico quando afirma em *Do Cidadão* que a grande trombeta de guerra e sedição do homem é a sua língua, e por isso devemos tomar cautela com as palavras, principalmente aquelas guiadas pelo interesse dos homens que escrevem ou discursam com a intenção de nos persuadir.

¹¹⁸ HOBBS. *Leviatã*, p. 46.

¹¹⁹ HOBBS. *Elementos da Filosofia*, p. 51.

¹²⁰ *Bolsonaro acusa Leonardo DiCaprio e ONG de financiarem queimadas criminosas no Brasil*. *Jornal Nacional*.

¹²¹ HOBBS. *Leviatã*, p.46-47.

Se o primeiro uso da linguagem consiste na correta definição dos nomes, seu abuso, isto é, o uso feito de forma inadequada, consiste na incorreta definição. Quanto ao segundo uso, o de ensinar e aconselhar a partir do conhecimento que temos, seu abuso corresponde ao de usar as palavras em um sentido diferente do que lhes foi atribuído. Isto, além de proporcionar falsas doutrinas, faz com que todos os cálculos mentais partam de algo falso e engendrem mais falsidade e engano. O terceiro uso, o de comunicar nossos sentimentos e vontades para obter ajuda, tem seu abuso quando declaramos o oposto. O quarto uso, que diz respeito a jogar com as palavras, como que na poesia, com a intenção de se divertir inocentemente, é abusado quando usamos a linguagem “para se ofenderem uns aos outros, pois dado que a natureza armou os seres vivos, uns com dentes, outros com chifres, e outros com mãos para atacarem o inimigo, nada mais é do que um abuso da linguagem ofendê-lo com a língua”¹²². Isto quer dizer que a linguagem de jogo inocente é excedida e transforma-se em instrumento de guerra e sedição¹²³.

Grosso modo, temos a mais nobre invenção humana, que tinha como finalidade o bem-estar, as criações, e a boa sociabilidade, como você poder ver, sendo abusada e, assim, transformando-se em instrumento de selvageria, barbárie, mentiras persuasivas e destruição mútua. O humano abre mão de sua discricção, isto é, de seu ato de deliberar em que momento é adequado usar a linguagem desta ou daquela forma, usa as palavras de forma bárbara para ofender e persuadir em prol de seu próprio interesse.

Retomo agora uma afirmação¹²⁴ que já empreguei, a de que o uso da força perde seu lugar para a linguagem. Mas agora, trago à luz um a mais: a política está substituindo a força pela palavra, pelo poder que a linguagem pode evocar¹²⁵. Acredito que vale a pena, neste ponto, diferenciar a força e o poder: a primeira “tem por modelo a ação de um sujeito sobre um objeto que, em tese, estará inerte, enquanto o poder se dá na relação entre humanos, que nunca são totalmente passivos e que agem e reagem – de modo que haverá preeminência e subordinação, mas não sujeição absoluta. Em suma, o poder assenta em algum consentimento, ao passo que a força só conhece, por vontade, a do sujeito que controla uma coisa”, e “O poder tem alguma reciprocidade e pratica um modo de relações em que nunca a ação está inteiramente de um lado e a passividade de outro; já a força executa, ou pelo menos pretende e acredita executar, precisamente esse modelo de exterioridade e pleno domínio do agente sobre o agido. Por isso, se somos humanos – nessa concepção – nosso mundo é o do poder, nunca o da força”¹²⁶.

Ou seja, o poder empreendido pela linguagem não age como força exercida sobre um indivíduo passivo, mas no consentimento de ser persuadido. Tendo isso em vista, caro leitor, ter consciência e compreensão das demonstrações e dos abusos da linguagem, em alguns casos, não parecem ser recursos suficientes para a barbárie a qual todos nós que comunicamos estamos sujeitos, é necessário pensar sobre o poder da persuasão promovida pelo abuso das palavras, que é o que pretendo delinear já me encaminhando para o fim deste capítulo.

¹²² HOBBS. *Leviatã*, p. 44.

¹²³ Conferir Ribeiro, R. J. *O letrado e o guerreiro: ou dois ensaios sobre o âmago terrível da linguagem*, 2002.

¹²⁴ Conferir Ribeiro, Renato Janine *A palavra democrática: ou da utopia da necessidade à utopia poética*, 1998.

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ RIBEIRO. *A palavra democrática: ou da utopia da necessidade à utopia poética*, p. 104.

Como vimos anteriormente, os homens, para bem raciocinar e para aprender, devem seguir um método em seus cálculos. No geral, para Hobbes, o que impede que o uso da reta razão seja feito de forma adequada é a indocilidade, isto é, a dificuldade de aprender que ocorre por conta de preconceitos engendrados por supostas autoridades em nossas mentes. A estes preconceitos o filósofo denomina “opinião”, que são “todas essas proposições que são admitidas por confiança ou por erro, não dizemos conhecê-las mas pensamos que são verdadeiras...E particularmente, quando a opinião é admitida a partir da confiança em outros homens, os que a admitem dizem crer nela; e esta admissão é chamada de crença, e algumas vezes fé”¹²⁷. Não devemos nos fiar em proclamações de alguns líderes, como que em uma seita, para admitir como verdade o que não passa de mera opinião, como a de defender o isolamento vertical – que, diferentemente do isolamento horizontal, não tem nenhum tipo de estudo que comprove qualquer tipo de eficácia.

Sendo assim, caro leitor, você deve estar percebendo que o engendramento de opiniões e de crenças ocorre quando não temos evidências suficientes para guiar nossos cálculos, e, ainda assim, assentimos em fazê-lo, sujeitando-nos, dessa forma, ao poder da persuasão. Esta é conduzida por homens supostamente sábios e pode ocorrer de duas formas: primeiro quando através das paixões engendram em nós uma opinião (quando por ódio caracterizam ONGs e o pobre DiCaprio como causadores de queimadas), e segundo quando usam uma opinião para instigar uma paixão em nós (como é o caso de alguém que é tomado pela fúria por ver seu intocável líder defender a reabertura do comércio e ser repudiado pelo mundo por, mesmo que de forma “inocente”, incentivar a curva de crescimento do vírus). Como você deve imaginar, amigo leitor, a verdade e a falsidade não são levadas em conta quando o que importa é persuadir para gerar paixões e opiniões. Narrativas fabulosas, fantasiosas e emocionantes são usadas sem nenhuma discrição quando pretende-se persuadir e alcançar a glória dos próprios interesses.

Mas, você deve estar se perguntando, que tipo de mulher ou de homem tem qualificações suficientes para manipular opiniões, paixões ou crenças em seus ouvintes? Hobbes nos informa que algumas características são peculiares a esse gênero de humanos. Um indivíduo persuasivo é geralmente considerado um homem instruído por aqueles que consentem em segui-lo, e por isto engendra opiniões e paixões nos ouvintes. Esse tipo de indivíduo fundamenta-se “em máximas da educação, da autoridade dos homens, ou do costume, tomando o discurso habitual da língua como raciocínio”, ou seja, o raciocínio, enquanto cálculo, não tem espaço na fala deste tipo de indivíduo. Hobbes denomina aqueles que fazem parte deste gênero de dogmáticos, e segundo nosso filósofo, eles são culpados, caro leitor, por engendrar opiniões e paixões que geram controvérsias sobre o verdadeiro e o falso. Isso se deve ao fato de eles serem “imperfeitamente instruídos” e, ainda assim, “insistem com paixão...que suas opiniões sejam vistas por toda parte como verdades, sem nenhuma demonstração evidente”¹²⁸ – como pudemos ver nos casos ilustrativos que selecionei. E, como sabemos, um dos traços essenciais do discurso político é a manipulação¹²⁹. O dogmático manipula, seduz o ouvinte, o leitor, persuade-os com a palavra. O nosso filósofo nos informa que esse

¹²⁷ HOBBS. Elementos da lei natural e política, p. 26.

¹²⁸ HOBBS. Elementos da lei natural e política, p. 64.

¹²⁹ Conferir Ribeiro, Renato Janine *A palavra democrática: ou da utopia da necessidade à utopia poética*, 1998.

tipo de discurso inflamado por opiniões e paixões não pode possuir significado algum. Isto implica que aqueles que acreditam que entenderam esse tipo de discurso, na verdade, apenas compreenderam mal as palavras que ouviram, e acreditam que as repetir é o mesmo que aprendê-las; os dogmáticos jogam com isso e enganam por meio da obscuridade com o objetivo de conquistar o que desejam.

Para nos afastarmos do engano, caro amigo, da mentira e da barbárie, não basta evitar os abusos da linguagem e guiar os cálculos mentais por demonstrações evidentes. É necessário expurgar as opiniões e paixões engendradas por discursos inflamados que pretendem apenas nos persuadir. Assentir em concepções formadas desta forma, por petição de autoridade, nos reduz à condição de ignorantes que apenas julgam que sabem, sendo que nada ficamos sabendo. Não podemos perder de vista, ainda, que a persuasão só ocorre a partir de princípios e opiniões aceitas vulgarmente que, no geral, são de natureza errônea e por isso são levadas pela avareza e ambição de um dogmático.

Diante do que notamos, caro leitor, você deve saber que não temos capacidade de conhecer todas as demonstrações de cada caso que aparece em nossa vida de forma evidente, já que isto levaria mais tempo do que o que somos capazes de viver. Mas, com as regras hobbesianas para bem lidar com o discurso político, que apresentei aqui, o que nos resta é fortalecer nossas mentes com leituras e tomar cautela ao decidir assentir a esta ou a aquela proposição, afinal, é de nossa essência estarmos sujeitos ao poder que as palavras podem ter sobre nós. Resta-nos, ainda, apenas resguardar um saudável ceticismo diante dos discursos com que temos contato, para, dessa forma, tentarmos quebrar a cadeia de ódio e mentiras que nos cercam.

Referencial Bibliográfico:

HOBBS, T. *Elementos da lei natural e política*. Tradução de Bruno Simões. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2010.

_____. *Elementos de Filosofia - Primeira Seção - Sobre o Corpo. Parte I - Computação ou Lógica*. Tradução e apresentação de José Oscar de A. Marques. *Clássicos da Filosofia. Cadernos de Tradução 12*. Campinas: p 1-67, 2005.

_____. *Leviatã*. Coleção Os Pensadores: Hobbes. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: editora Nova Cultural, 1999.

RIBEIRO, R. J. A palavra democrática: ou da utopia da necessidade à utopia poética. *Dossiê Direitos Humanos do séc. XXI*. Revista USP, 37: p.: 102- 108, 1998.

_____. O letrado e o guerreiro: ou dois ensaios sobre o âmago terrível da linguagem. *Scripta*. Belo Horizonte: v. 5, n. 10, p. 307-320, 1º sem. 2002.

Peixe é um bicho inteligente, foge quando vê óleo, diz secretário da Pesca. Disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/peixe-e-um-bicho-inteligente-foge-quando-ve-oleo-diz-secretario-da-pesca/>> Acesso em: 6 de março de 2020.

Bolsonaro acusa Leonardo DiCaprio e ONG de financiarem queimadas criminosas no Brasil. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/11/29/bolsonaro-acusa-leonardo-dicaprio-e-ong-de-financiarem-queimadas-criminosas-no-brasil.ghtml>> Acesso em: 5 de abril de 2020.

GULLINO, D. Em pronunciamento na TV, Bolsonaro pede reabertura de comércio e escolas e fim do 'confinamento'. *O Globo*. Brasil, 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/em-pronunciamento-na-tv-bolsonaro-pede->

reabertura-de-comercio-escolas-fim-do-confinamento-24326199> Acesso em: 5 de abril de 2020.

SAKAMOTO, L. A mentira foi o grande destaque do primeiro ano do governo Bolsonaro. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2019/12/31/bolsonaro-alcou-a-mentira-como-instrumento-de-governo-em-seu-primeiro-ano.htm>> Acesso em: 5 de abril de 2020.

Atila Iamarina opina sobre a proposta de isolamento vertical. Disponível em <https://tvcultura.com.br/videos/73448_atila-iamarina-opina-sobre-a-proposta-de-isolamento-vertical.html> Acesso em: 5 de abril de 2020.